

Editorial

Abrimos a **Alceu 22** apresentando um conjunto de quatro artigos que nos contemplam, entre outras reflexões, com novas abordagens sobre a internet. O texto de Olivier Tredan, a partir do acompanhamento da atividade dos blogueiros durante vários anos, analisa esse tipo de publicação on-line e os efeitos culturais provocados pela atividade de autopublicação em nossa sociedade. A publicidade social é o tema do artigo assinado por Dario Edoardo Viganò, onde são destacados aspectos dessa modalidade, tais como a não convencionalidade, o uso original dos espaços metropolitanos para a difusão viral do boca a boca e um questionamento radical da forma *spot*, particularmente através da internet. Analisar a relação da mídia de massa com os novos meios digitais, tendo como objeto de estudo o programa *Fantástico*, veiculado pela Rede Globo de Televisão durante quase 40 anos, é o tema do artigo assinado por Everardo Rocha e Bruna Aucar. Com foco na atividade dos jovens hackers que, pouco a pouco são recrutados pelas empresas de segurança da informação, Olivia Hirsch apresenta texto que nos faz refletir como a transgressão praticada no submundo virtual tem sido absorvida pelo sistema econômico como mão de obra altamente valiosa e especializada.

Em seguida, apresentamos três artigos cujo título geral podia ser: mídia e preconceito. Rita Filgueiras escreve sobre a quase ausência de mulheres desempenhando a atividade de comentaristas na imprensa de referência em Portugal, apesar das mudanças de valores e costumes sobre a condição feminina ocorrida naquele país nas últimas décadas. Voltando os olhos para o Brasil, Cláudia Rosa Acevedo e Luiz Valério de Paula Trindade apresentam trabalho que investiga e debate o fenômeno da sub-representação de profissionais jornalistas afro-descendentes como apresentadores de telejornais em emissoras de TV de sinal aberto. Ainda entre nós, Pedro Celso Campos inventaria os meios de comunicação que cobrem a terceira idade no Brasil e, assim, dá continuidade ao seu trabalho de pesquisa sobre a ausência de espaços na imprensa brasileira dedicados a um setor representativo da nossa população e cuja tendência é se tornar a cada dia mais numeroso.

O próximo bloco de quatro textos é dedicado ao cinema. Os três primeiros podem ser lidos como trabalhos que fazem reflexões sobre cinema e literatura e o quarto sobre cinema e religião. O texto assinado por Maria Cristina Ribas faz ligação entre poesia e cinema inspirado no documentário *Só dez por cento é mentira*, de Pedro Cezar, sobre a vida e a poesia

de Manoel de Barros. Tomando como objeto de análise o filme *Lavoura Arcaica*, inspirado em romance escrito por Raduan Nassar, o objetivo do ensaio apresentado por Vera Lúcia dos Santos Nojima e Vera Bungarten é desvendar o processo criativo que resulta na produção dos signos visuais presentes na obra cinematográfica. A trajetória social, as mudanças radicais de posição e a construção da obra cinematográfica de David Cronenberg, o polêmico cineasta canadense que gostaria de ter sido escritor, são analisadas no artigo de Debora Breder. O ateísmo e a tensão existencial presentes em *Limite*, filme que nos faz pensar em um mundo sem a presença do Mistério, são os temas principais do texto assinado por Ney Costa Santos.

Concluímos a revista com dois temas que nos remetem à política e à cidadania. Lincoln de Abreu Penna escreve sobre A Vida, jornal doutrinário de orientação anarquista, que circulou no Brasil durante a década de 1920, e que durante esse período publicou diversos textos questionando a Grande Guerra e seus efeitos maléficos na vida do operariado brasileiro. O texto de Josely Nunes Villela, Cid Alledi e Emilio Eigenheer nos alerta e faz compreender que projetos educacionais complexos e a participação intensa da mídia são fatores estratégicos para se construir uma nova ética, uma nova cultura que nos permita fazer a transição de uma sociedade não-sustentável como a que vivemos hoje, para uma sociedade sustentável.

Boa leitura e boas ideias!

Fernando Sá